



Anexo 4

Entrevista ao professor 4 (Directora de Turma do 2º ciclo)



ENTREVISTA 4

Identificação: Emília Rolo

Idade: 39

Sexo: Feminino

Nível de Ensino: Básico e Secundário

Grupo Disciplinar: História e Geografia

De Portugal e Língua Portuguesa

Tempo de Serviço: 14 anos

Categoria: Professora

Situação Profissional: Professora do Quadro de Zona Pedagógica

Entrevista: Sujeito 4 (transcrição literal)

Entrevistador (E) - Antes de mais boa tarde! Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta entrevista. Quero-lhe agradecer também o facto de autorizar que ela fosse gravada em áudio. Esta entrevista enquadra-se num eventual estudo sobre a forma como os professores vêem a educação intercultural na sua prática pedagógica ou a forma como os docentes vêem a educação intercultural no contexto de escola. Mas antes de passarmos às questões mais formais, era bom que se apresentasse, dizendo como é que se chama, a profissão, e a nível de ensino o que é que lecciona, há quanto tempo está a leccionar e os cargos que desempenha ou desempenhou na escola ao longo deste tempo.

S4 – Então boa tarde! Eu agradeço o convite para participar neste trabalho. Tudo aquilo que eu tenho para transmitir é aquilo que eu sei sobre o assunto. O meu nome é Emília Rolo, tenho 39 anos, sou professora do 2º ciclo, lecciono as disciplinas de Língua Portuguesa e de História Geografia de Portugal, sou Directora de Turma e também, nesta escola, participei na equipa de Avaliação Interna.

E – Entrando para o tema que é a questão da educação intercultural, gostava que me dissesse, por palavras suas, o que é que entende por cultura e também que a pudesse

relacionar um pouco com o contexto escola. Podemos falar numa cultura de escola, falar em diferentes culturas que fazem a cultura de escola, o que é a cultura para si?

S4 – Cultura para mim, em termos gerais, serão características próprias que nos diferem uns dos outros. É aquilo que, se calhar, nós ao longo da vida aprendemos e retemos, e que acaba de ser diferente de pessoa para pessoa. Aquilo que nos identifica. Em termos de escola, eu penso que realmente haverá uma cultura de escola no sentido mais lato, mais geral e depois é como numa turma. Existe o grupo turma, mas depois existem indivíduos diferentes nessa turma. Eu acho que a cultura é um bocado assim, existe, se calhar, uma cultura escola e depois há outras culturas mais específicas relacionadas sobretudo com estes miúdos que nos vão aparecendo, que é, no fundo, um fenómeno actual e que acabamos por ter estes focos mais pequenos de culturas diferentes.

E – E acha que, de alguma forma, a escola está preparada para receber os alunos de diferentes culturas?

S4 – Eu já considerei que há uns três ou quatro anos atrás, se calhar, a escola não estaria tão preparada para os receber, mas por ser uma realidade que se verifica há poucos anos e, portanto, as primeiras experiências, se calhar a escola ainda não estaria preparada, mas penso que actualmente e com o passar dos tempos a escola foi-se adaptando. Hoje em dia, eu penso que estes alunos que chegam à nossa escola de países diferentes com culturas diferentes têm uma plena integração na escola, no seu ambiente, na turma, com a própria dinâmica da escola, inclusivamente com a cultura do país e com algumas regras. Eu penso que eles se adaptam muito bem e penso que na escola também já está a haver este feedback. Há uma adaptação mútua, quer dos alunos que chegam novos, quer da própria escola em lhes dar as tais infra-estruturas para os poder acolher. Acho que houve uma evolução.

E – Perante aquilo que está a dizer, acha que é pertinente falarmos na educação intercultural, no contexto actual de escola. O que é que representa para si como é que esta questão da interculturalidade se pode traduzir ou se traduz na escola actual. Porque, acima de tudo, tem de haver um processo de inculturação, não é? Quem vem tem de se adaptar à cultura dominante. Mas a cultura dominante recebe, de braços abertos, essas subculturas que vêm e que também trazem algo de novo, ou tenta, de alguma forma, absorver o pouco que seja e, de alguma forma, não liga àquilo que pode aprender dessa cultura?

S4 – Aquilo que eu considero é assim: uma vez que nós estamos a falar do 2º ciclo, eu não tive nenhum caso até agora em que esses alunos de culturas diferentes integrassem ou que chegassem a Portugal, pela primeira vez, e que ingressassem no 2º ciclo, sendo o primeiro contacto com a língua. Eu já recebi alunos que já frequentaram o 1º ciclo e, portanto, chegam ao 2º ciclo e dominam minimamente a língua e em termos de aproveitamento, os casos que conheço, não tem havido grandes problemas. Eles têm acompanhado o ritmo normal de aprendizagem da turma e alguns até têm superado o ritmo normal da turma. Já tive contacto com algumas crianças que realmente tiveram um nível cognitivo muito abonado para a faixa etária. O que eu considero relativamente a esta adaptação, pela experiência pessoal que eu tenho, é que há uma grande adaptação, uma grande interculturalidade. Inclusivamente os meninos portugueses têm muita curiosidade em saber pormenores da cultura, inclusivamente até como se diz determinados vocábulos eles acham imensa piada. Até anedotas e adivinhas. Acham imensa piada os colegas estarem a contar essas adivinhas e anedotas na língua natural deles, e acho que nunca assisti e verifiquei ali uma barreira em termos de contacto, até de amizade e de relacionamento. Nunca notei essa barreira entre os meninos portugueses e os outros meninos.

E – Acha que na experiência e a relação que eles vão cultivando ao longo do ano, de alguma forma, tenta haver um enriquecimento mútuo, em que, uns como outros, querem aprender com aquilo que são e com o que os identifica?

S4 – E mesmo os meninos que vêm de outros países, o que eu considero é a curiosidade dos que cá estão, mas também dos que vêm. E acho que, mesmo ao nível do aperfeiçoamento deles na língua portuguesa, eles querem muito. Eles querem enriquecer, eles querem melhorar e evoluir na língua que os acolheu.

E – Mas da experiência que tem pode-nos contar quais é que foram os alunos que já teve, quais as suas origens, a relação que cultivou com eles, se houve algum enriquecimento a nível pessoal e em termos pedagógicos. Queria que falasse um bocadinho sobre isso. Eu reforço mais esta questão porque os objectivos é ver até que ponto é que nós, enquanto docentes, estamos dispostos a aceitar e ver esta questão da educação intercultural uma realidade cada vez mais concreta fazendo parte da vida da escola. Faço esta questão: Será que todos nós estamos predispostos, será que essa mentalidade, vêm alunos da Bulgária, da Bielorrússia, de vários sítios, e será que nós

professores estamos predispostos a aceitar e a ajudar na integração desses alunos? Será que sim, será que não ? Naturalmente que não somos todos iguais. Há diversidade, há formas de estar, de pensar e até nisso também se reflecte. Queria que na sua experiência falasse um bocadinho sobre isso. Quais, neste caso, os meninos que teve, as suas origens , a experiência que também teve com eles , o enriquecimento que teve e algum aspecto importante que queira considerar.

S4 – A primeira experiência que eu tive foi com dois alunos da Bulgária que eram primos. A Galabina e o Racho. A Galabina era minha aluna da Direcção de Turma e o Racho era um aluno que eu tinha no apoio individualizado juntamente com a prima. Como eu era professora da disciplina de Língua Portuguesa e ao mesmo tempo era professora do apoio, dava para eu ter uma melhor percepção das dificuldades deles e depois tentava colmatar essas dificuldades no apoio individualizado. É evidente que eles têm um vocabulário nestes primeiros tempos. Estão a aprender e, portanto, têm uma grande deficiência de vocabulário. Então desenvolveram actividades mais a nível da escrita, da leitura e de temas que lhes transmitisse algum interesse, não só aquele texto narrativo mas através da leitura de outros textos, até de ambiente ou assuntos actuais, para eles irem aumentando o vocabulário e melhorando a interpretação. Este ano tive outros dois meninos, um deles da Bielorrússia (a Elisabete, que é muito simpática, já tive oportunidade de conversar com ela também dentro deste âmbito. Uma menina que está perfeitamente integrada, que se dá muito bem com os colegas e que também já deu para constatar que os colegas têm muito interesse em saber um pouco da cultura dela, e já sabem, também , alguns termos usados na língua e que os deixa contentes). O outro colega é o Yordan que é mais um aluno da Bulgária que em termos de aprendizagem, nota-se um bocadinho mais de dificuldade, se calhar porque é um aluno com características diferentes. Enquanto a Elisabete é uma aluna extremamente empenhada, estudiosa e organizada, ao Yordan falta-lhe um bocadinho de organização, ainda é um bocado imaturo e falta-lhe aquela responsabilidade para ter melhores resultados, apesar de não ter grandes dificuldades, mas há ali assim uma falha ou outra.

E – Desculpa interromper. Acha que em termos daquilo que é a formação académica Acha que o ambiente sociocultural, o ambiente que os rodeia pode também condicionar em termos escolares, independentemente de serem Búlgaros ou Bielorrussos ?

S4 – Aí tem a ver exactamente com a formação académica do agregado familiar, neste caso.

E – Ou acha também, apesar disso, que tanto um como o outro, têm, de facto, uma motivação diferente para a escola? Eles são, neste caso, de origens diferentes mas comparando com alguns dos nossos alunos, acha que já por si a cultura deles faz com que eles tenham outro interesse pela escola?

S4 – Provavelmente. Se calhar o país de origem inculuiu-lhes outro valor à escola que a nossa escola actual não consegue. Se calhar até pode tentar, mas não está a ter grande sucesso por aquilo que acontece todos os anos. Penso que também poderá ser por aí. E depois a única diferença, neste caso, destes dois últimos alunos que foquei, é que um é mais dedicado, empenhado, mais organizado e também tem a ver com o ambiente familiar que lhe dá esse apoio. É filha única, e isso também pode ser um factor importante. Por outro lado, no outro aluno, o agregado familiar, em termos de formação académica, já não é tão elevado e também a disponibilidade, porque ambos os pais trabalham. Enquanto no caso da Elisabete, um deles nada faz e, portanto, tem mais tempo para dedicar. O Yordan tem outro irmão e logo aí, as atenções têm de ser repartidas entre ele e o irmão. Inclusivamente a encarregada de educação diz que ele é um bocadinho imaturo e por isso o sucesso não é tão elevado como nós estávamos à espera. Em termos do tal esforço que falava à bocadinho, sobre se nós fazemos o tal esforço para haver esta adaptação e se estamos predispostos a ajudar !..

E – O contacto com essas culturas e comparando o tempo em que começou a dar aulas até aos tempos de hoje nota que há uma diferença muito grande e que essa predisposição, à partida, não quer dizer que seja inata, mas é inerente à nossa profissão e desempenho ou acha que continua, no seu caso pessoal, e gostava que falasse um bocadinho sobre isso, e naquilo que vê nos outros colegas que fazem parte do conselho de turma, acha que há essa receptividade e esse gosto em interessar-se pela cultura dos alunos que vêm para a escola pela primeira vez?

S4 – É uma pergunta difícil. Se calhar em termos pedagógicos e se fazemos o que fazemos por gosto, eu acho que cada um de nós, uns mais outros menos ,contribui para esta adaptação, para este intercâmbio de culturas, de saberes, de maneiras de estar. Eu penso que há uns que se interessam mais e que se dedicam mais, e em que há um contacto maior e até uma influência, mas há outros que menos. Mas isto em todas as

situações acontece. Há pessoas que se empenham mais e se dedicam mais e há outras que o fazem porque são obrigados, porque consta, porque tem de se fazer, enquanto que há outros que o fazem mais naturalmente, mais espontâneo.

E – Quer contar alguma experiência de alguma coisa que tivesse feito em concreto este ano ou no ano passado com esses alunos, que de alguma forma servisse para promover alguns aspectos que fazem parte da cultura desses alunos? Num conteúdo de história, realçar e fazer comparação daquilo que é alguma festa que se comemora aqui em Portugal e de alguma forma perguntar...

S4 – Nas épocas festivas de Natal, Páscoa e Carnaval fiz, o ano passado, com que os meninos pudessem contar o que é que era hábito eles fazerem, porque tiveram que fazer composições sobre a época e depois acabei por colocar a Galabina a contar à turma o que era hábito, o que era tradição fazerem na terra dela, na Bulgária.

E – Uma experiência interessante! Já como parte final da nossa conversa, gostava de saber, e por aquilo que já falou e pela experiência que já tem, quando se fala nesta questão intercultural, o que é que acha que podia ter sido feito ou acha que aquilo que tem sido feito é o suficiente para que a educação intercultural seja uma realidade mais concreta na escola e que, de alguma forma, faça parte da estrutura da escola, das práticas pedagógicas? E desde que entrou no ensino acha que teve uma evolução satisfatória, significativa? Acha que é um desafio ainda constante, se as coisas ainda têm de evoluir da melhor forma? O que é que acha?

S4 – Nos meus primeiros anos não tive contacto com crianças estrangeiras. Esta situação é mais recente, até porque este fenómeno também é mais recente. O que eu acho é que desde o primeiro ano em que eu tive contacto com estas crianças até então, penso que houve uma evolução. Mas penso que poderá haver muito mais para fazer. Por exemplo, em termos de plano anual de actividades, e sendo esta realidade cada vez mais frequente e os alunos até irem aumentando de número, cada vez mais casos de países diferentes, por que não contemplar no plano anual de actividades uma actividade específica de intercâmbio cultural, mesmo até em termos de dança, de cultura ou até de culinária, de tradições, de canções típicas, porque acho que, aqui na escola, nunca se contemplou um mostra ou uma exposição que retratasse o país destes meninos que, no fundo, fazem parte da nossa escola.

E – É uma boa ideia e um bom desafio que pode ser posto em prática, de alguma forma, não é? Nessa sequência eu perguntava-lhe como é que isto é exequível na prática? Para tornar esta questão da educação intercultural mais visível, mais real, como é que isto pode ser posto em prática?

S4 – Aquilo que eu acho é que no conselho de turma tem que haver empenho, sem sombra de dúvida. Eu vou fazer aqui um desabafo. Eu como Directora de Turma destes meninos, a lei assim o exige, porque são meninos ao abrigo do despacho específico para eles, em que a lei determina uma série de auxílios, de apoios, de actividades, de procedimentos que têm que ser feitos ao longo de todo ano, tem que haver um empenho de todo o Conselho de Turma. Porque, nestes últimos anos, o Director de Turma, até para por em prática os tais procedimentos do tal despacho normativo, tem uma certa dificuldade porque requer ao Conselho de Turma alguns materiais e outro tipo de instrumentos de outra dimensão para o Director de Turma depois poder concretizar e poder executar o que a lei o exige, e tem dificuldades. São vários elementos do Conselho de Turma e nem sempre as coisas chegam a tempo e há algumas que não chegam mesmo, e é difícil gerir um bocado disso. Para por em prática aquilo que estávamos a falar à bocadinha, se calhar era mesmo o tal empenho e realmente as pessoas unirem-se.

E – Mas acha que, para além do empenho, também era importante reforçar a questão da formação? Parte-se do princípio que toda a gente sabe o que é esta questão da interculturalidade, o que é que implica, o que é que exige no mundo actual em termos daquilo que é o contexto e são as exigências da escola no mundo actual. Nós perguntamos se, para além da formação de cada professor, é necessário uma formação específica em termos do que é este mundo global em que vivemos porque de alguma forma se reflecte na escola actual. Uma formação específica para os professores no sentido de reforçar mais essa questão da dimensão daquilo que é a interculturalidade e da forma com é que ela se reflecte na prática pedagógica. Também passa por aí ou só passa pela boa vontade, pela predisposição, pela tomada de consciência que é importante mudar.

S4 – Também obviamente passa por aí. Mas já que falava na questão da formação, eu penso que se faz formação, por exemplo, na aplicação ou no melhoramento das TIC, porque se chegarmos a aperceber que realmente era uma ferramenta indispensável ao

nosso dia a dia e sendo a interculturalidade o aparecimento destes alunos, e cada vez em maior número, por que não haver formação neste sentido para que as pessoas estejam melhor preparadas para receberem estes alunos.

E- Estamos a finalizar a nossa conversa e só me resta agradecer-lhe a sua colaboração.

S4- Não tem nada que agradecer, disponha sempre.